

“ENSINAREI O MUNDO A CONQUISTAR PELA BONDADE, NÃO PELA MATANÇA.”

Gleydson Farias Rodrigues.

Graduando da UFCG
gleydsoncgnet@hotmail.com

Introdução.

No processo de colonização, é importante destacar que estamos trabalhando com a idéia de colonização que Bosi (1992) desenvolve, Assim “A colonização é um projeto totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do *colo*: ocupar um novo chão, explorar seus bens, submeter seus naturais.” (BOSI 1992. p.15)¹ em particular na América espanhola, à qual daremos maior ênfase a primeira metade do século XVI na região do atual México, podemos verificar um acontecimento único que simboliza o contato entre dois modelos de civilizações (Européia e Americana) que possuíam imensas particularidades que destoam sobre a visão daqueles que não levam em consideração o respeito à alteridade, pois o *eu* se constitui enquanto tal, quando não é o *outro*.

[...] Posso conceber os outros como abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo individuo, como o Outro, outro ou outrem em relação a *mim*. Ou então como um grupo social concreto ao qual nós não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os “normais”. [...] (TODOROV. 1983, p.3)²

Mas, se assemelhavam no sentido de formar sociedades esplendorosas em seus respectivos “mundos”.

O contato entre esses povos proporcionou um desigual processo de estranhamento, pois aos olhos do Americano o europeu era uma figura de que ele jamais tinha visto e de certa forma aparentava estar num plano superior ao dos simples mortais. Já na perspectiva do Europeu os Ameríndios estavam próximo à condição de animais e/ou talvez por isso devessem ser escravizados e desapropriados de suas terras e riquezas e passar a servir aos reis europeus. Onde o massacre e a exploração eram os carros chefe desse projeto ganancioso ao qual ouvimos falhar ou lemos a respeito,

¹ BOSI, Alfredo. Colônia, Culto e Cultura. In **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

² TODOROV, Tzvetan. A Descoberta da América. In: **A Conquista da América: A Questão do Outro**. Tradução: Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

proporcionando o “nascimento” de figuras truculentas como Hernan Cortez, Francisco Pizarro entre outros, que ganharam papel de destaque na História com a “heróica” nomenclatura de CONQUISTADOR. Porém, é possível encontrar figuras que atuaram no processo de colonização que não compartilhava com essa política de ambição promiscua, a exemplo de Álvar Núñez Cabeza de Vaca.

Pretendemos traçar um paralelo entre os moldes planejados e executados por dois colonizadores, faremos comparações das ações de Cortez e De Vaca para tentar mostrar como a colonização teve varias faces e que nem todo conquistador foi malvado, cruel, ardiloso, perverso e que a pacificação, o agrado e a troca fornecem melhores condições para propagar as idéias propostas da colonização. Em suma tentaremos mostrar que é mais fácil convencer com palavras do que com pauladas, porém, essa simples lógica não foi adotada por muitos europeus aqui na América, preferindo ser temido a adorado e que devemos considerar ambas as ações como inclusas desse processo.

A palavra ou a espada?

Iremos aqui tentar distinguir os projetos de dois colonizadores espanhóis que atuaram na primeira metade do século XVI, Hernan Cortez que foi responsável pela conquista da civilização asteca em 1519-1521 e Álvar Núñez Cabeza de Vaca que atuou como governador do Rio da Prata 1541, porém, destacou-se ao naufragar na costa da atual Flórida em 1527 e caminhar, descalço e nu, dezoito mil quilômetros até o México onde chegou em 1537. Analisando as práticas e ações destes personagens que destoam em vários aspectos e que serão elucidados, tentando mostrar que não foi padrão ou uniforme as práticas dos conquistadores, variando conforme o comando que era proposto por cada um.

Na conquista espanhola na América verificamos mecanismos de tentativa de dominação que são engenhosamente pensadas por conquistadores, as estratégias:

[...] Chamo de estratégia o calculo (ou a manipulação) das relações de forças que se tornam possíveis a partir do momento em que o sujeito de querer e poder (uma empresa, um exercito, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde pode gerir as relações com uma exterioridade de alvos e ameaças (os clientes ou os

concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e os objetos de pesquisa etc.) [...] (CERTEAU, 1980. p.99)³

A elaboração de projetos por parte dos conquistadores é justamente essa estratégia que muitas vezes foi embasada na violência, porém, não foi o único modelo de conquista que tivemos mais sim o que prevaleceu durante o processo de colonização e que ficou como molde de conquista e as ações desse modelo, pautado na crueldade, desrespeito, soberba, foram as que se sedimentaram como forma padrão de atuação do conquistador.

Um exemplo bastante ilustrativo de conquistador que contribuiu para a construção dos muitos atributos negativos a uma pessoa foi o espanhol Hernan Cortez (1485-1547) que atuava na conquista de forma muito agressiva:

“No outro dia, vieram 50 índios trazer-nos comida e plumagem que queria ser vassalos de vossa alteza. Mas, através de ardis, descobri que eram espiões e então mandei prender todos os 50 e corta-lhes as mãos e os enviei a seu senhor para que ele soubesse com quem tratava.... Na manhã seguinte, dei com dois povoados onde matei muita gente, mas, não preendi fogo às casas para não chamar a atenção de povoados vizinhos...” (CORTEZ. 1986, p33-34.)⁴

Buscando impor-se pela base da violência provocando o medo e pavor nos nativos que eram instrumentos para o desejo de obter posse das terras e suas riquezas. Sem perceber quão maravilhosa oportunidade histórica se fazia no encontro entre duas culturas tão distintas e ricas nas suas particularidades, desde forma “O encontro nunca mais atingirá tal intensidade, se é que esta é a palavra adequada. O século XVI viria perpetrar-se o maior genocídio da história da humanidade.” (TODOROV. 1983)⁵ O projeto de colonização pensado por Cortez esta pautado na conquista pela força e imposição dos desejos ambiciosos com a utilização de praticas de torturas, castigos e punições; “ao molho” de muita violência psicológica e principalmente física. Para os resistentes.

“Antes de amanhecer no dia seguinte tornei a sair com cavalos, peões e índios e queimei dez povoados, onde havia mais de três mil casas. Como trazíamos a bandeira da cruz e lutávamos por nossa fé e por

³ CERTEAU, Michel de. “Uma Cultura Muito Ordinária: Estratégias e Táticas.” In: **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980, p. 99. Extraído de: <http://filesocial.com/1cmwkva>, acesso em Setembro de 2011.

⁴ CORTEZ, Hernan. Segunda Carta. In **A Conquista do México**. Tradução: Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre; L&PM, 1986.

⁵ TODOROV, Tzvetan. A Descoberta da América. In: **A Conquista da América: A Questão do Outro**. Tradução: Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

serviços de vossa sacra majestade, em sua real ventura nos deu Deus tanta vitória, posto que matamos muita gente sem que nenhum dos nosso sofresse dano.” (CORTEZ.1986, p33.)⁶

Percebemos que a crueldade esta associada a essa figura no que concerne à busca pela realização de seus objetivos traçados, pois a ânsia e desejo desmedido por dominar as regiões que compunham o território asteca conferiram-lhe a produzir massacres sucessivos para obter as terras e configurar o respeito por meio da temeridade.

Porém, devemos entender o processo de conquista como algo plural. As ações que servem como base para essa afirmação vem da ideologia pregada por Álvaro Núñez Cabeza de Vaca (1492-?) que montou um projeto de colonização baseado no respeito. “Ensinarei o mundo a conquistar pela bondade, não pela matança.”(DE VACA.2007, p.10)⁷. A forma de tratamento e o respeito com os índios tornam-se o fator de diferença, pois, o processo de colonização é introduzido com relações amistosas e de igualdade, buscando convencê-los a fazer aquilo que o conquistador deseja e para tal tarefa os estimula pagando as mercadorias, presenteando e propondo favores.

“Quando esses índios souberam da sua chegada saíram para recebê-los, carregado com muitos mantimentos e muito alegres, demonstrando muito prazer com a sua vinda. De sua parte, [De Vaca] o governador também os recebeu com grande prazer e amizade e alem de pagar-lhes o preço que valiam, deu aos índios principais muitos presentes o que os deixou muito contentes.”(DE VACA. 2007. p. 118)⁸

O tratamento visando o respeito e procurando não provocar maiores estragos ou prejuízos demonstra a proposta diferenciada sobre o projeto de De Vaca onde o realce na procura pelo bem-estar da relação, sugere uma leitura de contrapondo sobre os moldes tradicionais de colonização. Segundo essa perspectiva os índios tiveram muito boa receptividade das ações de Cabeza de Vaca, espalhando uma espécie de fama em torno do conquistador, construindo um mito entorno do europeu provocando certo frenesi nas tribos que queriam conhecer o branco que tratava muito bem os nativos, sendo este muito bem recebido e acolhido por onde passava nas suas expedições de

⁶ CORTEZ, Hernan. Segunda Carta. In **A Conquista do México**. Tradução: Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre; L&PM, 1986.

⁷ DE VACA, Álvaro Núñez Cabeza. Apresentação. **Naufrações & Comentários**. Tradução: Jurandir Soares dos Santos – 2 ed. – Porto Alegre; L&PM, 2007.

⁸ Idem.

conquista. “Quando chegávamos nos lugares, as pessoas que vinham nos receber já ofereciam tudo que possuíam, inclusive suas casas.”(DE VACA. 2007. p. 137 e 138)⁹A receptividade acalorada representa implicitamente que as ações realizadas por De Vaca, são refletidas no tratamento que os nativos remetem a ele.

O respeito à alteridade é encontrado no discurso de Álvar Núñez, exposto nos comentários a respeito dos diversos costumes e mesmo quando eram totalmente contraria a religião ou práticas dele o mesmo tentava convencer aos índios a deixar mostrando como eles deveriam agir diante da situação. Buscando mostrar as vantagens e a ideologia da religião utilizando a retórica ou invés do chicote o algo que o valha.

É fundamental que lembremos o fato dos nativos foram agentes ativos durante o processo de colonização, por meio da resistência bolando maneiras de embaçar os planos e projetos dos conquistadores elaborando táticas:

[...] a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia von Büllow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem por tanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefício Aumentar a propriedade e prever saídas. [...](CERTEAU, 1980. p.100)¹⁰

Na medida em que os índios verificavam a dominação dos brancos uma possibilidade de resistir, logo efetuavam ações que cotidianamente aparentava normalidade mais ocultava uma oposição à situação, como por exemplo, o silêncio, a mentira, o uso das bebidas alcoólicas entre outras. Que Hector Bruit chama de “resistência sub-reptícia”.¹¹

Conclusão.

O trabalho acima descrito oferece um olhar a respeito das diferentes formas com que foi cunhado o processo de colonização da América espanhola na primeira metade do século XVI, em especial os mais diferentes contatos e formas de relacionamentos que possivelmente houve neste encontro. Elencando algumas das diferenças nos

⁹ Ibidem.

¹⁰ CERTEAU, Michel de. “Uma Cultura Muito Ordinária: Estratégias e Táticas.” In: **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980, p. 99. Extraído de: <http://filesocial.com/1cmwkva>, acesso em Setembro de 2011.

¹¹ Ver: ¹¹ BRUIT, Hector. In: **Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos**. Campinas: Ed. Unicamp; São Paulo: Iluminuras, 1995.

projetos de conquista de dois personagens: Hernan Cortez e Álvaro Núñez Cabeza de Vaca.

A comparação realizada sobre as práticas de Cortez e De Vaca pode nos verificar que a implantação de um processo de colonização baseado no respeito à alteridade e sem excesso de violência era tranquilamente possível de ser instaurado aqui na América, tanto que foi feito em demonstração empírica onde Cabeza de Vaca, conquistar por meio da negociação, obteve sucesso com os nativos que se agradavam da forma respeitosa e muitas vezes carinhosa com que eram tratados proporcionando menos resistência para tornarem-se aliados dos europeus e ceder às vontades dos mesmos. Não pretendemos com isso afirmar que os índios eram facilmente ludibriados com “conversas bonitas” ou presentes medíocres, pois estaríamos os embobalhando, mas mostrar que os conflitos sem dúvidas seriam diminuídos em larga escala se outros colonizadores tivessem agido de forma parecida. Propiciando uma relação mais amistosa sem a presença de tantos conflitos, guerras e massacres.

O nosso propósito não foi mostrar que Cortez era um demônio ou algo que o valha nem tão pouco transparecer que De Vaca era um santo ou similar, mas enfatizar aspectos que mostrem os dois modelos de colonização e ponderar os aspectos divergentes ressaltando que o europeu poderia ter agido de outra forma que não aquela a qual Cortez recorreu corriqueiramente, e que se embasava no uso da violência e desrespeito para com os índios. Desconstruindo desta forma a associação generalizada que às vezes é feita a maioria das imagens dos conquistadores, que figura-se como uma pessoa truculenta, constantemente em guerra, cruel, perversa e que não enxergaram os índios como seres humanos e sim como animais. Apontando assim, para outra perspectiva buscando visualizar o processo de colonização como mais amplo e complexo principalmente no que se refere às relações entre conquistadores e nativos.

Referências:

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRUIT, Hector. **Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos**. Campinas: Ed. Unicamp; São Paulo: Iluminuras, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980, p. 99. Extraído de: <http://filesocial.com/1cmwkva>, acesso em Setembro de 2011.

CORTEZ, Hernan. **A Conquista do México**. Tradução: Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre; L&PM, 1986.

DE VACA, Álvaro Núñez Cabeza. **Naufrações & Comentários**. Tradução: Jurandir Soares dos Santos – 2 ed. – Porto Alegre; L&PM, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: A Questão do Outro**. Tradução: Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.